



Victor de Lima Meireles

Maria de Fátima Borges

A Sibila do Norte

“Singular, discreta e afável. Amiga de muitos a quem era devota e fiel. Sabia escutar e aconselhar, possuidora de um humor britânico e mordaz. Acutilante nas suas observações era possuidora de um riso franco e terno.”



Victor de Lima Meireles e Maria de Fátima Borges, Ribeira Grande, 28 Julho, 2000

Na extinta Agenda Cultural, editada pela Câmara Municipal de Ponta Delgada, datada de Outubro de 2002 e coordenada por José de Almeida Mello, escrevi um pequeno texto sobre Maria de Fátima Borges, intitulado *A SIBILA DO NORTE*.

Ao lançar um olhar sobre as folhas impressas, é difícil aceitar terem passado quase dezoito anos!... E, fazendo uma retrospectiva, o tempo parecendo curto, aquilo que nele se viveu afigura-se uma larga onda que nunca deixou de galgar a praia.

Foi tempo de mudanças, quer políticas, sociais ou interiores. Houve viagens, nascimentos e mortes – muitas. Houve perdas de uns e novos contactos com outros. Muitas desilusões e algumas alegrias. Afinal, é o percurso de todos nós, que tem por timbre ensinar-nos que a vida é apenas um lampejo, nada mais do que um pavio que ao acender-se rapidamente se apaga.

E nós, vamo-nos apagando aos poucos, encarando dubiamente os dias, arranjando coragem e força para tentar aceitar aquilo que não nos trás felicidade.

Durante mais de meio século mantivemos uma grande amizade. Quando Maria de Fátima Borges se encontrava em Coimbra a estudar, houve uma chuva de cartas para lá e para cá.

Pela nossa juventude e pelos sonhos próprios da idade era-nos permitido fazer planos a longo prazo e assim em cada carta havia palavras e rasgos de esperança para um futuro que se avizinhava longe. Um doce e floreado futuro que acabou por não ser

o desejado. Nem sempre o que sonhamos se concretiza. A vida tem os seus contornos, insinua-se por esquinas e, por vezes, o caminho que encontra não segue a direito, ou pelo menos aquele que pretendíamos.

O seu foi traçado por circunstâncias que não esperava encontrar. A morte do pai, coibiu-a de prosseguir os seus estudos em Coimbra mas, essa circunstância não a impediu de alcançar mais tarde, com a abertura da Universidade dos Açores, o que tinha deixado a meio.

A sua maneira de ser não lhe permitia chorar sobre leite derramado. Se uma porta se fechava, outra se abria. E, foi com o desaparecimento do pai que se tornou adulta, pois sobre os seus ombros caiu toda a responsabilidade da casa paterna.

Socorrendo-me do que escrevi na altura, disse que: “É uma mulher com um ar calmo e uns olhos grandes e com uma serenidade que têm aquelas criaturas que são dotadas pela natureza para profetizarem o destino dos homens, daquelas criaturas que têm sempre algo a dizer e ao mesmo tempo são etéreas e misteriosas – espécie de Sibila do Norte – da cidade da Ribeira Grande, lugar onde nasceu e por lá vagueia entre aquilo que ensina e o que vai escrevendo, guardando-se ciosamente ao olhar de quem gostaria de a ler.

A força da sua escrita e sobretudo o que se esconde por detrás dela, a elegância escorreita com que se expõe e situa as personagens e sobretudo a sua poesia,

fazem dela uma das vozes mais preponderantes dos escritores açorianos”.

Infelizmente, a sua voz apagou-se, não as suas palavras, tais como as das redondilhas que escreveu e acompanharam o meu texto do qual retirei este excerto:

*“Ai moça donzela
não sei onde estais
só sei que viestes
já tarde demais
como tudo chega
à vida da gente
o tempo escasseia
a gente desiste
perdidos na teia
dos dias iguais
na dança da roda
de um fogo já triste
ai moça donzela
se um dia soubesse
se um dia encontrasse
na cinza das horas
aquela família
que logo amanhece
como se encontrasse
a noite que forras
o nosso mais fundo
mais frio descão”.*

Singular, discreta e afável. Amiga de muitos a quem era devota e fiel. Sabia escutar e aconselhar, possuidora de um humor britânico e mordaz. Acutilante nas suas observações era possuidora de um riso franco e terno.

Dizia a minha Mãe que: “Princípios todos têm – fins só Deus sabe!” O seu fim não foi aquele que ela teria desejado, embora nos tivesse deixado com dignidade e acompanhada por amigos/as que nunca a abandonou.

Não posso deixar de mencionar, entre outros/as: Conceição Raposo Dias Henriques, Luísa Linhares e o seu marido Fernando Martinho Guimarães, Lúcia Albergaria, Margarida Maia Gouveia, Maria das Neves, a sua dedicada Mércia Arruda e Zenaida Miranda Amaral, que todos os dias a visitavam levando-lhe carinho e alento.

Faz hoje um mês que se apagou numa noite de Domingo calmo de Inverno. Foi-se discretamente tal como viveu.

“Um dia perdi/o que hoje ganhei/só quando morri/ não longe daqui/é que te encontrei”, como ela disse num poema.

Oxalá encontre nesse “longe”, o perdido que não foi ganho durante a vida que o destino lhe reservou viver, neste mundo que não foi feito para ser lugar de poetas.